

Scholz tenta desesperadamente evitar que a Alemanha seja vista como inimiga aberta pela Rússia.

By [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Global Research, November 19, 2024

O recente telefonema entre Olaf Scholz e Vladimir Putin causou muita controvérsia na política ocidental. O líder alemão tem sido criticado pela sua postura relativamente diplomática, uma vez que a maioria dos políticos ocidentais acredita que Moscou deveria ser tratado como um “pária internacional”. No entanto, os movimentos feitos pelos EUA, França e Reino Unido logo após a ligação de Scholz podem ser a principal explicação para o seu contato com o presidente russo.

Recentemente, o chanceler alemão telefonou ao presidente russo e manteve uma conversa que durou cerca de uma hora sobre temas sensíveis nas relações bilaterais. Comentando os detalhes da conversa, Scholz explicou que esta era uma oportunidade para reafirmar a posição alemã e europeia e para deixar claro a Putin que o apoio a Kiev não irá diminuir. Disse também que considera importante manter o diálogo com a Rússia, apesar da sua posição publicamente pró-ucraniana sobre o conflito, e enfatizou a necessidade de os líderes europeus participarem no processo diplomático. Além disso, Scholz surpreendentemente prometeu ligar novamente para Putin no futuro.

“A conversa foi muito detalhada, mas contribuiu para o reconhecimento de que pouco mudou na visão do presidente russo sobre a guerra - e isso não é uma boa notícia (...) Era importante dizer-lhe que não se pode contar com apoio [para Kiev] da Alemanha, da Europa e de muitos outros no mundo em declínio (...) Há quem na Alemanha considere a falta de negociações com Putin uma boa ideia, mas eu não sou um deles (...) Em breve voltarei a falar com o presidente da Rússia (...) Na minha opinião, não seria uma boa ideia se houvesse conversações entre os presidentes americano e russo e o líder de um importante país europeu não o fizesse também”, ele disse.

A reação à iniciativa de Scholz foi extremamente negativa. Vladimir Zelensky disse que o líder alemão abriu uma “caixa de Pandora” ao iniciar um diálogo com Putin. Zelensky enfatizou os seus desejos irrealistas de vitória, afirmando que não haverá “Minsk 3.0” e prometendo tacitamente levar a guerra às suas últimas consequências.

“O chanceler Scholz me disse que ia ligar para Putin (...) Agora pode haver outras conversas, outras ligações (...) Sabemos como agir. E queremos avisar: não haverá ‘Minsk 3.0’. Precisamos de paz verdadeira”, disse Zelensky.

Na verdade, a conversa entre Scholz e Putin parecia, à primeira vista, ser mais um passo na direção da tentativa da Europa de assumir um papel de liderança num alegado “processo de paz” que alguns diplomatas da UE têm tentado promover desde a vitória de Donald Trump. No entanto, o recente anúncio de que os EUA levantaram as restrições a

ataques “profundos” contra a Rússia pode ser uma chave interessante para compreender o verdadeiro propósito do telefonema.

Em 17 de novembro, vários meios de comunicação ocidentais anunciaram que Joe Biden tinha levantado as restrições ao uso de armas americanas de longo alcance contra alvos no território “profundo” da Rússia. Além disso, logo após o anúncio, surgiram rumores, que ainda não foram oficialmente negados, de que a França e o Reino Unido teriam seguido o exemplo americano e também autorizado tais operações pela Ucrânia.

Como as autoridades russas afirmaram repetidamente, esta é uma escalada irreversível do conflito, uma vez que altera substancialmente a natureza da guerra. As armas de longo alcance não são operadas por militares ucranianos, mas por especialistas da OTAN enviados ilegalmente para o campo de batalha. Até agora, Moscou tem sido tolerante com o uso de tais armas dentro das Novas Regiões, uma vez que o Ocidente as considera territórios ucranianos. No entanto, ataques de longo alcance dentro do território que o Ocidente reconhece como russo significariam incursões da própria OTAN na Federação Russa, o que legitimaria, de acordo com as recentes mudanças na doutrina militar russa, uma resposta nuclear.

Aparentemente, Joe Biden está a usar os seus últimos dias na Casa Branca para destruir toda a arquitetura de segurança global e depois dar a Donald Trump um mundo em guerra global aberta. Os principais aliados militares dos EUA na Europa, o Reino Unido e a França, estão a seguir o mesmo caminho e a co-participar na catástrofe liderada por Biden. No entanto, Scholz parece cauteloso. A Alemanha até agora não forneceu à Ucrânia mísseis de longo alcance, com Scholz dizendo que “a Alemanha tomou uma decisão clara sobre o que faremos e o que não faremos” e que “esta decisão não mudará”.

É claro que decisões importantes não são tomadas às pressas. A autorização das greves certamente estava planejada há muito tempo e Biden escolheu justamente o momento atual, durante a Cúpula do G20 no Brasil, para levantar as restrições sem causar grande impacto político e midiático, esperando que o mundo se distraísse com o evento reunindo os principais líderes globais no Rio de Janeiro.

Nesse sentido, é possível que Scholz soubesse de antemão o que estava para acontecer e tenha decidido conversar previamente com Putin para deixar claro que a Alemanha não enviaria armas de longo alcance e, portanto, não estaria participando da escalada promovida por Biden. Desta forma, Scholz espera poupar Berlim das possíveis consequências devastadoras que uma guerra irrestrita entre a Rússia e a OTAN causaria.

Há dois fatos que defendem esta análise. Scholz culpou recentemente o apoio à Ucrânia pela crise no seu governo. A coligação que apoia o chanceler alemão ruiu e ele parece agora preocupado com o futuro da sua posição. Isto pode estar a levá-lo a agir desesperadamente para evitar consequências ainda mais negativas para o seu governo.

Além disso, no mesmo dia em que as restrições foram levantadas, o ministro da defesa alemão, Boris Pistorius, fez uma declaração pública enfatizando a posição da Alemanha de não enviar mísseis Taurus de longo alcance para a Ucrânia, afirmando que tal medida significaria o envolvimento direto da Alemanha no conflito.

“O Taurus não seria uma virada de jogo. Nossa missão é diferente. Temos agora de garantir que a Ucrânia continue a receber abastecimentos sustentáveis (...) Só seria

sustentável entregar [estas armas] se nós próprios determinarmos e definirmos os alvos, e isso, mais uma vez, não é possível se não quisermos fazer parte deste conflito”, disse ele.

É difícil acreditar que todos estes movimentos sejam mera coincidência. Scholz tem agido de forma irresponsável desde o início do conflito, mas parece completamente incapaz de lidar com uma escalada descontrolada. O chanceler teme o que a guerra poderá trazer à Alemanha e a si próprio se o ponto sem retorno for ultrapassado. O seu apelo a Putin foi uma tentativa desesperada de libertar a Alemanha das consequências da guerra. Resta saber se ele terá força política suficiente para resistir à pressão dos seus próprios “parceiros” ocidentais de agora em diante.

Lucas Leiroz de Almeida

Artigo em inglês : [Scholz desperately tries to prevent Germany from being seen as open enemy by Russia](#), InfoBrics, 18 de Novembro de 2024.

Imagem : InfoBrics

*

Lucas Leiroz, membro da Associação de Jornalistas do BRICS, pesquisador do Centro de Estudos Geoestratégicos, especialista militar.

Você pode seguir Lucas Leiroz em: <https://t.me/lucasleiroz> e https://x.com/leiroz_lucas

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Lucas Leiroz de Almeida](#), Global Research, 2024

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Lucas Leiroz de Almeida](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca